
O PODER SIMBÓLICO DA DOMINAÇÃO CARISMÁTICA

The Symbolic Power of the Charismatic Domination

José Querino Tavares Neto*
Taísa Caroline dos Santos Machado**

RESUMO: Este artigo pretende analisar, ainda que de maneira perfunctória, a relação entre o contexto político e histórico das crises e transformações sociais, com a possibilidade de instalação da dominação carismática, em face da disponibilidade da coletividade adotar os princípios intrínsecos a ela. Além disso, discute-se a possibilidade de se tratar como secundária a relação do líder com os que vêem a necessidade do surgimento daquele a partir de conflitos que originam forçosamente novas idéias e tradições. Buscou-se, ainda, verificar os métodos adotados pelo líder e a reação do grupo mediante as suas utilizações.

PALAVRAS-CHAVE: Dominação Carismática; Totalitarismo; Líder; Poder Simbólico.

ABSTRACT: This article intends to analyze, even in a superficial way, the relation between the political context and the historical of the crisis and social transformations, with the possibility of setting up a charismatic domination, in front of the availability of the collectivity to adopt the principles intrinsic to them. Besides, it is discussed the possibility of treating as secondary the relation of the leader with those who see the necessity of the appearance of that from the conflicts that forcibly originates new ideas and traditions. In addition to this, this article intended to verify the methods adopted by the leader and the reaction of the group in face of its uses.

KEY-WORDS: Charismatic Domination; Totalitarianism; Leader; Symbolic Power.

INTRODUÇÃO

A história de uma sociedade não é composta por uma seqüência linear, gradativa e estável de fatos. Na realidade, há momentos em que esta é submetida a violentas crises, sejam elas econômica, política ou religiosa, abrindo espaço para rupturas no processo. São nestas ocasiões que os sujeitos sentem a necessidade da presença de um líder que os conduza nesse processo de mudança. Esta seria, portanto, a ocasião ideal para o surgimento da dominação carismática, típica de regimes totalitários, que fazem uso do consenso como forma de legitimar o processo de adesão.

Weber define *agir em consenso* como o conjunto das ações em comunidade que acontecem por serem determinadas pela orientação de algumas possibilidades empiricamente válidas e providas de sentido (WEBER, 1992, p.332). Assim, uma comunidade que *age por consenso* pode ser fechada, à maneira de um monopólio. Com isso, os membros de um *agir consensual* podem perseguir um interesse orientado contra os que estão do lado de fora desta comunidade, oprimindo-os, o que estimula um processo de segregação definitiva, que faz uso, muitas vezes, da violência.

*Pós-Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra. E-mail: jquerino@uol.com.br

**Pesquisadora PIBIC/CNPq. E-mail: taisaufg@yahoo.com.br

Neste tipo de dominação, o líder exerce o papel de expor as idéias de uma minoria sobre o coletivo e garante que estas serão bem recebidas. Ele adota uma metodologia de expressão baseada no carisma. Pode haver contradição entre as aparências da democracia interna do grupo e o devotamento dos militantes à pessoa que logrou dominar o aparelho.

Os métodos utilizados no grupo para que sejam tomadas decisões e feitas escolhas são semelhantes aos métodos utilizados pela Democracia Direta, onde existe a participação de todos os membros em todas as decisões a eles pertinentes. Porém, em geral, nas organizações em que os patronos buscam oportunidades ideais ou materiais para realizarem objetivos precisos ou obterem vantagens pessoais, os militantes apresentam-se mais permeáveis ao carisma do chefe do que aos princípios e pensamentos ideológicos colocados em questão numa assembléia, por exemplo.

Ou seja, o membro adota todas as decisões do grupo, as quais representam, na verdade, um desejo do líder. Deixa de pensar por si mesmo e passa a *agir em comunidade*, trabalhando e pensando sempre em equipe, desenvolvendo funções de automatismo, exatidão e precisão.

Estas características são conseqüências da utilização de métodos usados em regimes totalitários que, como dito, podem ser analisados, principalmente, por meio da Democracia Direta e do Domínio Carismático.

Desta maneira, é possível verificar a relevância do estudo desta relação político-social na medida em que pode ser encontrada nos mais diversos sistemas de governo, sejam eles históricos ou contemporâneos. O curioso é observar que existe uma semelhança específica entre estes: a existência de um momento de crise política, ideológica ou social experimentada pela sociedade alvo. Daí o porquê da realização da análise de suas características e dos métodos utilizados pelos líderes.

1 OS TRÊS TIPOS PUROS DE DOMINAÇÃO

Dominação para Weber é a “probabilidade de encontrar obediência a uma determinada ordem, podendo ter o seu fundamento em diversos motivos de submissão: uma constelação de interesses, ou seja, de considerações racionais de vantagens e desvantagens por parte daquele que obedece; mas também pode depender de um mero costume; a partir de um padrão preestabelecido de um determinado comportamento; ou pode, finalmente, ter o seu fundamento no puro afeto, ou seja, na mera inclinação pessoal do dominado” (WEBER, 1992, p. 349).

Para manterem-se de maneira legítima, as relações entre dominantes e dominados contam com o apoio das bases jurídicas, evitando o abalo na crença desta legitimidade, o que configuraria, devido a sua natureza instável, conseqüências de grande importância.

Segundo análise Weberiana a esse respeito, existem três formas de dominação: dominação legal, dominação tradicional e dominação carismática.

A dominação legal é configurada sempre que a obediência a uma pessoa é formada não em virtude de seu direito próprio, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo quem e em que medida se deve obedecer. Neste contexto, aquele que manda também obedece a uma regra no momento em que emite uma ordem: obedece à lei ou a um regulamento de norma formalmente abstrata. Neste tipo de dominação, a base do funcio-

namento é a disciplina. Sendo assim, correspondem naturalmente ao tipo da dominação legal não apenas a estrutura moderna do estado e do município, mas também em relação de domínio numa empresa capitalista privada, etc.

A burocracia constitui o tipo tecnicamente mais puro da dominação legal. Porém, nenhuma dominação é exclusivamente burocrática, já que nenhuma é exercida unicamente por funcionários contratados, sendo que os cargos mais altos das associações políticas são constituídos por outras espécies de dominação, tal como a carismática.

O segundo tipo de dominação analisado e definido por Weber é a dominação tradicional, que tem como tipo mais puro a chamada dominação patriarcal. Neste caso, existe uma relação entre senhor e servo, na qual se obedece à pessoa em virtude de sua dignidade própria santificada pela tradição: por fidelidade.

Neste contexto, falta aos sujeitos o conceito burocrático de competência, estes estão envolvidos por relações sociais reguladas pela tradição, pelo privilégio, pelas relações de fidelidade feudais ou patrimoniais, pela honra estamental e pela boa vontade.

A legitimidade deste tipo de dominação é estabelecida pelo senhor patriarcal dentro de seu espaço discricional. As regras são preestabelecidas, e caso não sejam cumpridas, há riscos para ambas as partes, de modo que o senhor pode vir a perder o seu poder coercitivo decorrente da tradição. A fixação de relativa liberdade também é importante para garantir a noção de homem justo, apesar de que, nestes casos, a justiça se faz de acordo com a “justiça de Candi” (islâmico) que por um lado está preso estritamente à tradição, mas por outro, existe uma relativa equidade, que é aplicada em cada caso particular e levando-se em consideração a pessoa em questão, mas isso segundo pontos de vista informais e, segundo Weber, até mesmo irracionais (WEBER, 1992, p.166).

E, finalmente, a dominação carismática, que se instala em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente, a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória; o sempre novo, o extraordinário e o inaudito, que constituem, neste caso, a fonte da devoção pessoal.

Ao contrário da dominação tradicional, obedece-se, exclusivamente, à pessoa do líder em virtude de suas qualidades excepcionais, e, somente enquanto estas perdurarem, seu carisma subsiste.

Na organização do quadro administrativo falta o conceito racional de competência, não havendo orientação especificada em regras (estatuídas ou tradicionais).

A relação de submissão estabelecida entre o líder e o seu quadro administrativo apresenta uma característica peculiar no que diz respeito a sua estabilidade. O líder se apresentará tanto mais forte quanto forem os subalternos que executam individualmente as tarefas a eles atribuídas. Porém, na medida em que estes indivíduos se associam, estabelecendo um diálogo, o poder do líder sobre estes vai diminuindo gradativamente – como tem ocorrido no passado e no presente.

O líder age estritamente segundo seu próprio arbítrio, proclama suas decisões aleatoriamente, de modo que a comunidade vinculada a ele aceita imediatamente, criando o caráter de obrigatoriedade sobre o assunto proclamado. Caso sua autoridade seja questionada, e o dever do cumprimento seja negligenciado, o líder encontra espaço para punir o feitor. A partir deste contexto, o domínio carismático desenvolve características típicas de regimes autoritários e dominadores.

2 A DOMINAÇÃO CARISMÁTICA

A denominação carismática faz com que os membros sigam cegamente ao líder sem dar muita importância ou valorização para as atitudes tomadas e suas conseqüências, apenas visando manter a fidelidade àquele. Este tipo de denominação geralmente vem acompanhada por ideais de nacionalismo, comunidade e disciplina (exemplo da presença de tais características foi a comunidade nazista alemã). A legitimidade se faz necessária pelo fato de nenhum domínio se contentar com a obediência, que não passa de submissão interior pela razão, por oportunidade ou respeito (neste último caso, tratando-se do domínio carismático); procura também despertar nos membros a fé em sua legitimidade, ou seja, transformar a disciplina em adesão à verdade que ele representa (FREUD, 1987, p.166).

O líder carismático oferece a seus seguidores uma personalidade que o distingue dos demais, apresentando-se de forma sobre-humana, correta e possuidora de uma profecia. Diz possuir o enfado de uma missão e para isto tenta conquistar novos seguidores discípulos ou partidários. Estes últimos abandonam todo o caráter racional e adotam cegamente os ideais sobrecarregados de emoção e irracionalidade. Para que isto aconteça de fato, o líder deve despertar em seus seguidores a fé e a confiança irrestrita, onde o fanatismo surge sem que se tenha controle sobre este e ausência total de crítica por parte daqueles. E é por isso que o domínio carismático possui caráter excepcional, não somente por se arriscar ao fracasso, mas porque ele é obrigado incessantemente a encontrar um novo elã, a formar outros motivos de entusiasmo para confirmar seu poderio e conquistar a simpatia de seus seguidores.

O domínio carismático caracteriza-se pela ausência de limites, sejam eles legais ou tradicionais. Somente ao líder cabe o direito de ditar as regras, portanto, é ele quem estabelece como devem funcionar as relações sociais. Ao assegurar a possibilidade de dispor de opositores, esse tipo de dominação se apresenta constantemente instável, tendo em vista que o líder tira a legitimidade a partir de si mesmo. Da mesma forma o líder se dispõe a eliminar todo aquele que se recusar a cumprir as normas por ele estabelecidas, ou aquele que ousar criticar suas atitudes e decisões. Neste caso não é só o líder que se revolta contra o indivíduo infrator ou crítico, mas toda a comunidade, que passará a discriminar, desprezar e ridicularizar o mesmo. Para tanto, o líder faz uso de técnicas, tais como a coação moral irresistível ou a violência.

É importante enfatizar que este tipo de domínio está presente nos mais diversos setores como a política, a religião e até mesmo a economia, conquanto, segundo Weber, um dos traços do carisma consistia em permanecer “estranho ou hostil ao jogo econômico” (WEBER, 1992, p.353). Na política, este domínio toma diversas formas: a do demagogo, do ditador social, do herói militar ou do revolucionário.

Diferentemente de todos os outros domínios (legal ou tradicional) o carisma é particularmente sensível ao pensamento utópico, podendo assumir características revolucionárias e ser ao mesmo tempo destruição e construção. Ele chama seus seguidores a romper a rotina cotidiana e produzir mudanças significativas, mas revestidas de caráter muito mais emocional.

É este, portanto, o domínio presente nos grupos com ideais semelhantes aos totalitários, pois é dispondo dessas características que o líder irá conquistar seguidores para dar seguimento a seus ideais mais sinistros, sem que estes sejam corretamente expostos,

tendo em vista que eles irão agir de maneira altamente emocional, sem traçar críticas aos interesses e objetivos reais traçados.

3 PRINCÍPIOS TOTALITÁRIOS EM UM REGIME DE DOMINAÇÃO CARISMÁTICA

A idéia de elaborar uma análise científica sobre os governos de regime totalitários pode ser tida, a uma primeira vista, de maneira equivocada. O que se pretendeu aqui foi analisar a organicidade das instituições e verificar as características semelhantes entre elas, sobretudo, no que diz respeito ao modelo de democracia direta intrínseco a elas, bem como a presença da dominação carismática.

Regime totalitário pode ser entendido como aquele em que um indivíduo ou pequeno grupo, munido de poderes discricionários, controla as atividades políticas, administrativas e culturais de maneira autoritária e, muitas vezes, ilegítima. Porém, em muitos casos, existe a adesão voluntária da comunidade em nome do líder ou grupo dominante, de tal forma que passam a agir e pensar de acordo com a vontade destes.

Nos regimes totalitários, como ocorreu na Alemanha, com Hitler, ou na Itália com Mussolini, o caráter de ilegitimidade não condizia com as características da relação entre liderança e comunidade. Ao contrário, o que se verificava era uma forte participação do povo nas decisões administrativas, tendo oportunidade de opinarem diretamente em reuniões abertas e assembléias realizadas. Este quadro aproxima a realidade totalitária experimentada da realidade do sistema de democracia direta. Nestes casos, o regime possui características totalitárias porque as idéias e o controle administrativo permanecem nas mãos de poucos. No entanto, sua instituição pode ser considerada democrática na medida em que os “administrados” têm a oportunidade de se oporem, mas não o fazem em vista das técnicas de persuasão utilizadas pelos líderes para mantê-los seus seguidores fiéis.

Weber, em sua obra *Economia e Sociedade*, analisa a partir do contemporâneo, o individual (teoria da ação) e faz desta interpretação das ações racionais um meio de instrumento metodológico.

É a partir desta análise do campo individual que Weber consegue definir o conceito de dominação, que está especialmente presente no Capítulo 3. Ele observa como é determinante o poder do indivíduo ou de um pequeno grupo sobre a coletividade. Depreende-se deste tipo de análise uma crítica ao sistema democrático representativo: quando o meio legal para a criação ou modificação de ordens é a votação, observamos frequentemente que a vontade minoritária alcança a maioria formal e que a maioria a ela se submete, quer dizer: o caráter majoritário é apenas aparência (p.23).

Segundo Norberto Bobbio, “Democracia Direta é aquela que conta com a participação de todos os cidadãos sem que entre estes existam intermediários” (BOBBIO, 2000, p.54). Sendo assim, nos propomos a entender como a comunidade é capaz de absolver tão fortemente os mandos e ordens do líder e passa a aderir a sua ideologia, agindo e pensando conforme a sua vontade e seu interesse, apesar de ter a oportunidade de opinar nas decisões coletivas.

O que diferencia este modelo de democracia direta do modelo ideal teorizado por Jean Jacques Rousseau (ROUSSEAU, 1973, p.15), é a forma como são tratados aqueles que dissentem. Num regime democrático ideal, busca-se respeitar o dissenso, ouvi-lo e considerar a sua manifestação. Ao contrário, no regime totalitário, a democracia é

exercida exclusivamente de forma majoritária, inibindo e limitando a manifestação do dissenso, encarando-o como um entrave ou como uma parcela subversiva, que põe em risco a ordem e o desenvolvimento da comunidade. Ele é evitado de maneira maciça, e, em muitos casos, para impedir a desordem, deve ser afastado.

Desta forma, a crítica é traçada, à medida que no totalitarismo exige-se a unanimidade “pelo amor ou pela força” (BOBBIO, 2000, p.54), o qual em vez de permitir aos que pensam diversamente o direito de oposição, quer reeducá-los para que estes também se tornem súditos fiéis.

Ao ingressar em um movimento com características totalitárias, o sujeito perde gradativamente as características de sua personalidade individual, bem como a integridade de sua liberdade de manifestação do pensamento. Isso porque o grupo exige que o indivíduo passe a agir e pensar segundo os interesses da coletividade, não mais tendo a oportunidade de opinar segundo suas próprias necessidades. O que ocorre é a usurpação dos direitos individuais em nome do coletivo.

O fortalecimento dos regimes totalitários é observado de maneira diretamente proporcional na relação de submissão estabelecida entre o líder e seu quadro administrativo, evitando, portanto, questionamentos. O líder se apresenta tanto mais forte quanto forem os subalternos que executam individualmente as tarefas a eles atribuídas em prol do coletivo. Porém, na medida em que estes indivíduos se associam estabelecendo um diálogo, o poder do líder sobre estes vai diminuindo gradativamente. Diante disto, faz-se necessária a instalação de um regime totalitário no qual os sujeitos teriam a impressão de estarem participando ativamente das decisões, apesar de não o fazerem devido ao vínculo a um sistema que garante a adesão da maioria ao líder. Este, por sua vez, faz uso de técnicas de persuasão típicas da dominação carismática. Isso significa que o modelo de Democracia Direta, já mencionado, pode ser usado com o objetivo de ofuscar o despotismo por parte dos totalitaristas, garantindo, assim, uma maior estabilidade a seus regimes.

E é a adoção desta metodologia de poder que justifica a inércia diante da oportunidade de manifestação e revolta que, em tese, poderia ser exercida na sistemática da democracia direta.

Como dito, são as técnicas de persuasão utilizadas pelos líderes totalitários que garantem a estabilidade de seu governo. É o líder o responsável pela disseminação das idéias sobre o coletivo, ele a faz usando os instrumentos disponíveis, sobretudo, no sistema caracterizado pela dominação carismática.

4 A FIGURA DO LÍDER CARISMÁTICO

Instrumentos carismáticos como o consenso, assembléias, liderança, são exemplos de mecanismos que, quando combinados, podem ser utilizados de diversas maneiras, inclusive para a instalação de um regime político de dominação carismática.

A presença do líder, renovador e proponente de mudanças se manifesta, geralmente, em períodos de crise política e sociológica.

O surgimento do líder deve ser entendido como o fruto da associação entre o contexto social da comunidade e os símbolos de comunicação adotados. Como o discurso do líder se apresenta como um discurso de ruptura e profético, este só terá condições de se

tornar eficiente em períodos de crise, porque seu conteúdo é sempre de crítica à ordem e ao poder vigente. Critica e incita ao enfraquecimento ou à observância das tradições ou dos sistemas de valores que até então eram os responsáveis pelos princípios e pela conduta que orientavam o grupo.

Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1974, p.93) faz esta observação em sua obra *A Economia das Trocas Simbólicas*, sendo que suas constatações têm evidente influência da teoria de Max Weber, no que diz respeito à análise deste tipo de dominação. Bourdieu identifica no líder um ser que sucede às necessidades da comunidade.

A partir desta interpretação, portanto, para que o líder exerça papel de sujeito responsável pela adoção em massa de seus ideais é necessário que exista uma comunidade disposta a ser sua seguidora. Sendo assim, o líder desempenharia uma função “secundária”¹ neste processo, na medida em que é a própria comunidade quem se responsabiliza pela necessidade de sua existência e aparição.

Bourdieu defende que não se pode atribuir ao líder a responsabilidade pela adoção e subordinação do grupo a ele submetido. Ele acredita que se deve muito mais ao contexto histórico, político e sociológico, e aos símbolos de comunicação adotados entre os indivíduos pertencentes à comunidade.

Além disso, o referido autor faz uma inter-relação de teorias distintas, tais como a weberiana e marxista ao atribuir ao líder a responsabilidade pela ruptura das relações de ordem e estabilidade, bem como condicionando esta situação à existência de um período histórico em que, necessariamente, haveria uma crise, pois, segundo a sua leitura dos fatos, no discurso carismático está presente a ideologia de ruptura e profecia, criticando a ordem e o poder vigente.

Seguindo esta linha de pensamento, Bourdieu consegue verificar no discurso carismático técnicas lingüísticas que favorecem a instalação de um processo de persuasão dominante:

a ambigüidade que caracteriza a mensagem profética faz-se presente em todo discurso, que, mesmo endereçado diretamente a um público socialmente especificado, visa ganhar adesões, e cujas alusões e elipses são bem montadas de modo a favorecer o entendimento através dos mal-entendidos e subentendidos, isto é, a originar percepções reinterpretativas que introduzem na mensagem todas as expectativas dos receptores (p.94).

Isto leva ao entendimento de que a situação de crise origina forçosamente novas idéias e tradições e o indivíduo, chamado líder, assume muito mais a condição de intérprete que de senhor, sujeito ativo.

Este contexto faz pressupor que exista uma maneira de selecionar o líder ideal. Deve o sujeito candidato a líder possuir características pessoais e ideais suficientes para identificá-lo com o estereótipo esperado por aquela comunidade. Somente assim ele poderá exercer o papel de chefe das massas e produtor de opiniões. Conclui-se, portanto, que as demandas sociais precedem ao surgimento do líder.

O líder deve ter, necessariamente, características sociologicamente pertinentes de uma biografia particular, que fazem com que determinado indivíduo se encontre sociologicamente predisposto a sentir e exprimir, com uma força e uma coerência particulares, disposições éticas e proféticas, já presentes de modo implícito, em todos os membros da classe ou do grupo de seus destinatários. Seu discurso renovador e profético faz

¹ Secundário no tido de que surge em segundo lugar e não no de menor importância.

com que nele seja identificada a figura de um ser sobrenatural ou sobre-humano. Diz possuir o fardo de uma missão, e para isto tenta conquistar novos seguidores discípulos ou partidários. Estes últimos tendem a abandonar todo o caráter racional e adotar cegamente os ideais sobrecarregados de emoção e irracionalidade. Para que isto aconteça de fato, o líder deve despertar em seus seguidores a fé e a confiança irrestrita, onde o fanatismo surge sem que se tenha controle e haja ausência total de crítica por parte daqueles. E é por isso que o domínio carismático possui caráter excepcional, não somente por se arriscar ao fracasso, mas porque ele é obrigado incessantemente a encontrar um novo elã, a formar outros motivos de entusiasmo para confirmar seu poderio e conquistar a simpatia de seus seguidores.

O domínio carismático caracteriza-se pela ausência de limites, sejam eles legais ou tradicionais. Somente ao líder cabe o direito de ditar as regras, portanto é ele quem estabelece como devem funcionar as relações sociais. Ao assegurar a possibilidade de dispor de opositores, esse tipo de dominação se apresenta constantemente instável, tendo em vista que o líder tira a legitimidade a partir de si mesmo. Da mesma forma, o líder se dispõe a eliminar ou enxotar todo aquele que se recusar a cumprir as normas por ele estabelecidas, ou mesmo aquele que ousar criticar suas atitudes e decisões. Neste caso não é só o líder que se revolta contra o indivíduo infrator ou crítico, mas toda a comunidade que também o descrimina, despreza e o ridiculariza. Para agir contra o mesmo, o líder usa de coação moral irresistível ou da própria violência incitando sua prática pelos membros do grupo a que pertence.

É importante enfatizar que este tipo de domínio pode ser identificado nos mais diversos setores como a política, a religião e até mesmo a economia, conquanto, segundo Weber, um dos traços do carisma consiste em permanecer “estranho ou hostil ao jogo econômico” (WEBER, 1992, p.353). Em política, este domínio toma diversas formas: a do demagogo, ditador social, do herói militar ou do revolucionário.

Diferentemente de todos os outros domínios (legal ou tradicional) o carisma é particularmente sensível ao pensamento utópico, podendo assumir a característica revolucionária e ser ao mesmo tempo destruição e construção. Ele chama seus seguidores a romper a rotina cotidiana e produzir mudanças significativas, mas revestida de caráter muito mais emocional.

Como a função do líder carismático, é a de disseminador de idéias, ele o faz por meio da metodologia de expressão baseado no carisma, cuja característica principal é a elaboração de um discurso com a presença de ambigüidades, com a finalidade de atingir diversos grupos e correntes ideológicas ao mesmo tempo.

Em 1927, Adolf Hitler realizava um discurso no rádio, em um dos horários destinados especificamente à manifestação do Estado, que ilustra claramente este caráter alusivo da comunicação:

Se alguém o chamar de imperialista, pergunte a ele: Você não quer ser um? Se disser que não, então nunca poderá ser pai, porque aquele que tem um filho precisa se preocupar com o pão de cada dia. Mas se você fornece o pão de cada dia, então é um imperialista. O nosso objetivo deve ser uma semente que irá crescer constantemente, ganhando energia e força para o grande objetivo. Àquele a quem os céus deram a grandeza de decidir, eles também deram o direito de dominar (Adolf Hitler, 1927).

Com a utilização de alusões e elipses, Hitler buscava despertar nos destinatários “o entendimento através de mal-entendidos e subentendidos”, como bem define Bourdieu ao tratar das técnicas do discurso carismático (BOURDIEU, 1974, p.94). O que se observa é que Hitler, bem como os demais líderes, tentava originar na mensagem percepções reinterpretativas que poderiam traduzir todas as expectativas do expectador.

Quando ele realiza esta proclamação, ele se aproxima, ao mesmo tempo do conservador e do liberal, do imperialista e do comunista, tentando aproximá-los pelo que têm em comum, buscando a identificação e o reconhecimento de ambos em prol de uma causa comum: o crescimento e a emancipação da nação.

O discurso carismático de Hitler, como de tantos outros líderes, tinha a proposta de ruptura, de revolução. E era a adesão a ele que garantiria a consecução dos objetivos. São discursos que “enfeitavam os ouvidos” (KOCH, 1973, p.45). No caso de Hitler, apresentava uma proposta especificamente nacional-socialista, que satisfazia a vontade de muitos dos que pensavam ser possível a síntese do nacionalismo com o socialismo. Como Hitler não explicava o que queria dizer com nacionalismo nem com socialismo, ele podia ser tudo para todos.

Em suas manifestações, divulgava idéias de diversas ideologias, o que deixa claro a sua intenção de adesão geral, na tentativa de que o sujeito se identifique com uma delas. Sendo assim, esse discurso assume feições diferentes, de acordo com seus destinatários.

E é fazendo o uso dessas técnicas (discurso carismático com expressão característica, psicologia de massa, técnicas de persuasão, uso dos mecanismos de democracia direta, etc.), que se admite que o indivíduo pertencente a um grupo com ideais totalitários abra mão de seus pensamentos e direitos individuais em nome do coletivo. Na verdade, observando-se mais a fundo, é possível identificar que essa cessão se faz, de fato, em nome do líder, que usa o pretexto de ser pelo bem coletivo em seus discursos e manifestações. O interessante é observar que esse procedimento ocorre de maneira natural e gradativa, sem que o sujeito se dê conta, integrando-se ao processo de maneira subliminar. Porque toda essa estrutura de persuasão e psicologia de massa não admite espontaneidade, até porque são criados sistemas de condicionamento e aparelhamento, de maneira que, com o tempo, não exista a opção de escolha, porque o indivíduo não consegue mais fazê-las. Ele permanece aderindo às decisões do coletivo. E assim prossegue, até que o líder deseje ou que seu sistema vá se tornando ilegítimo de fato, em face do desaparecimento de sua condição profética. Mas, para que isto ocorra, depende do líder e da ausência de sinais de confirmação que por ele deveriam ser constantemente renovados, bem como de possíveis fatores externos que venham a desnudar o líder ou expor suas fragilidades.

CONCLUSÕES A PARTIR DA ANÁLISE E IDENTIFICAÇÃO DA PRESENÇA DA DOMINAÇÃO CARISMÁTICA

Ao observarmos a prática dos ideais totalitários nos respectivos grupos, e os mecanismos utilizados para persuadi-los, constatou-se que, por mais rudes que sejam, são usados nos mais diversos setores de maneira, muitas vezes, camuflada.

1) Existe uma relação direta entre técnicas e conseqüências utilizadas pelos membros e líderes destes grupos e a chamada “nova ordem” (na qual prevalece a exclusão, a desigualdade e a competição), onde organizações e nações são excluídas sob a idéia do bem coletivo, ficando a população inerte diante de tal situação (em decorrência das técnicas carismáticas e de persuasão mencionadas).

2) Para ocorrer a adoção de princípios totalitários pelo indivíduo é necessária a presença do líder carismático, que adota técnicas de persuasão, lavagem cerebral e psicologia de massa para fazer com que seus “fiéis” o sigam cegamente, estes, por sua vez, desenvolvem características que se mostram convenientes para a estabilização e manutenção da “ordem” no regime.

3) Ao serem analisadas, dentro desse contexto, a realidade social e cultural que deve existir para que o fenômeno da Dominação Carismática se faça presente, observou-se que esta decorre de um mecanismo fora do padrão, que surge com objetivos de romper o estável e o rotineiro, dando a estes novos significados, revestidos de caráter revolucionário, mágico e sobrenatural.

4) Quando um indivíduo se insere em grupos como estes, nos quais são adotados princípios de disciplina e comunidade, deixa de pensar por si mesmo e de exercer seus direitos individuais, passando a adotar as decisões do grupo, o que evidencia a presença de Democracia Direta, que se apresenta com a abominação do dissenso e supervalorização do consenso. A conseqüência é a eliminação ou segregação daqueles que se manifestam contrariamente às resoluções do grupo, na tentativa de afastar os subversivos e, conseqüentemente, manter o *status quo*.

5) Observou-se também que a dominação decorrente das práticas da liderança é muito mais fruto dos símbolos e dos métodos carismáticos (inclusive metodologia de expressão baseada no carisma) que de seu caráter sobrenatural ou sobre-humano. Decorre, portanto da disposição das massas sociais em acolher e aceitar a presença do líder.

A análise de Bourdieu se apresenta de maneira pertinente, na medida em que contextualiza o surgimento do líder a um período de crise manifesta ou latente e à necessidade que o grupo tem de sua presença. Por conseguinte, muda a idéia inicial de que o líder exerceria um papel fundamental e sucumbiria às necessidades do grupo a ele subordinado .

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. *A teoria das Formas de Governo*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- _____. *O Futuro da Democracia*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Tradução: Sérgio Miceli; Silvia de Almeida Prado; Sônia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo, SP: Editora Perspicácia S.A., 1974.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- KOCH, H. W. *A Juventude Hitlerista: Uma Mocidade Traída*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda, 1973.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. Tradução de Rolando Roque da Silva. São Paulo: Cultrix, 2002.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia contemporânea*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.
- _____. *Metodologia das Ciências Sociais*. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- WIKES, Alan. *Hitler*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Editora Renes Ltda., 1973.

Artigo recebido em setembro de 2008 e aceito em novembro de 2008.
